Paisagens crítico-marítimas *desiguais*. (Re)Orientando os estudos literários do Oceano Índico para o debate sobre literatura-mundial

Elena Brugioni*

Resumo

O Oceano Índico tem sido definido e abordado como um paradigma crítico e literário transnacional para a construção de cartografias comparativas e multilíngue para o estudo das literaturas africanas (Hofmeyr, 2007). A pesquisa no campo dos estudos literários do Oceano Índico tem se destacado por sua ambição crítica e originalidade teórica, consolidando novos conceitos e *corpus* literários do mundo do Oceano Índico (Samuelson, 2017). Analisando o estado da arte deste debate, algumas questões podem ser levantadas: até que ponto o mundo literário do Índico é capaz de responder aos problemas e aos impasses que caracterizam o campo dos estudos literários, hoje? De que modo é possível observar e analisar as estéticas e as formas literárias do Oceano Índico como registros paradigmáticos do sistema literário mundial? Este artigo pretende ensaiar parcialmente as respostas a estas

* Universidade Estadual de Campinas UNICAMP. Professora Associada (MS5.1), Livre Docente em Literaturas Comparadas, áreas de Literaturas Africanas e Teoria Pós-colonial, no Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas e Docente (permanente) no Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária da Unicamp. Possui graduação (laurea) em Letras Modernas (2004) pela Universidade de Bologna e doutorado em Literaturas Africanas (2009) pela Universidade do Minho. É co-coordenadora do KALIBAN - Centro de Pesquisa em Estudos Pós-coloniais e Literatura Mundial (CNPq) da Unicamp e pesquisadora associada do CESA - Centro de Estudos sobre África e Desenvolvimento da Universidade de Lisboa (CESA-ISEG). Publica e desenvolve pesquisas nas áreas de Literaturas Comparadas, Literaturas Africanas, Estudos do Oceano Índico (Indian Ocean Studies), Teoria Pós-colonial e Literatura-Mundial. <https://orcid.org/0000-0003-4187-7805>

questões, abordando o Oceano Índico como *uma paisagem marítima literária desigual* e, por isso, procurando delinear uma seleção de formas literárias que apontem para a sua (re) composição material.

Palavras-chave: Literaturas do Oceano Índico; literatura-mundial; língua; nação; João Paulo Borges Coelho.

Uneven critical seascapes. (Re)Orienting Indian Ocean literary studies towards the debate on world-literature

Abstract

The Indian Ocean has been defined and addressed as a transnational critical and literary paradigm for the construction of multilingual comparative cartographies for the study of African literatures (Hofmeyr, 2007). The scholarship in Indian Ocean literary studies has stood out for its critical ambition and theoretical boldness in defining new concepts and corpus, outlining original definitions for *aesthetic* and *literary forms* of the Indian Ocean world (Samuelson, 2017). Analyzing the state of the art within this debate, some questions can be raised: to what extent is the Indian Ocean literary world capable of responding to problems and blind-spots that characterize the field of literary studies, today? How can aesthetics and literary forms of the Indian Ocean be observed as paradigmatic registration of the world-literary system? This chapter intends

to partially rehearse answers to these questions, tacking the Indian Ocean as an *uneven literary seascape* and therefore striving to outline a selection of literary forms that point to its material (re)composition.

Keywords: Indian Ocean Literatures; world-literature; language; nation; João Paulo Borges Coelho.

Recebido em 08/06/2024 / Aceito em 26/11/2024

1 Língua(s): capitais literários desiguais

Os Estudos do Oceano Índico, apesar de sua ambição transnacional e multilíngue, permanecem uma área marcada por uma profunda desigualdade linguística.¹ Em particular, a multiplicidade de línguas que caracteriza o que se convencionou definir como o Mundo do Oceano Índico – *Indian Ocean World* –, se apresenta como um obstáculo significativo para a consolidação de estudos abrangentes das literaturas do Oceano Índico, o que, por outro lado, se torna especialmente necessário e urgente no campo dos estudos literários. Pela importância da língua para formas literárias e pela proeminência do paradigma nacional nos estudos literários – especialmente de literaturas africanas –, a(s) literatura(s) do Índico configura(m)-se como um campo de estudo ainda em construção. Nesse sentido, o engajamento com a prática estética e política da tradução – a ser entendida como praxe social e coletiva – torna-se um passo fundamental para promover uma abordagem inclusiva do Oceano Índico, ressaltando também a urgência de abordagens comparativas a serem construídas e promovidas por estudiosas² que se situam no campo dos estudos literários do Oceano Índico. A este propósito é importante notar como a produção historiográfica sobre o Oceano Índico publicada nas últimas três décadas³ demonstra, de forma muito emblemática, como

1 A este propósito, entre um vasto corpus, é importante assinalar o estudo desenvolvido por Pier M. Larson, *Ocean of Letters Language and Creolization in an Indian Ocean Diaspora*, Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

2 Neste artigo utilizo o feminino como gênero neutro.

3 A este respeito, entre um vasto corpus, veja-se por exemplo: K. McPhearson. *The Indian Ocean: A History of People and the Sea*. Delhi: Oxford University Press, 1993; R. Hall, *Empires of the monsoon: a history of the Indian Ocean and its invaders*. London: Harper Collins, 1996; Dasgupta, U. ed., *The world of the Indian Ocean merchant 1500–1800: collected essays of Ashin Das Gupta*, New Delhi and New York: Oxford University Press, 2001; L. Tarazi Fawaz, et al. (eds.) *Modernity and Culture: From the Mediterranean to the Indian Ocean*. New York: Columbia University Press, 2002; M. N. Pearson. *The Indian Ocean*. London: Routledge, 2003; M. Kearney. *The Indian Ocean in World History*. London: Routledge, 2004; S. Bose. *A Hundred Horizons: The Indian Ocean in an Age of Global Empire*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2006; P. M. Larson, *Ocean of Letters: Language and Creolization in an Indian Ocean Diaspora*. Cambridge, 2009; E. Alpers, *The Indian Ocean in World History*, Oxford University Press, 2013.

as complexidades e a multiplicidade desta área exigem um conjunto múltiplo de saberes – multilíngue e transdisciplinar – para dar uma resposta adequada às dimensões culturais e literárias que caracterizam o oceano Índico. Para isso, o desafio para os estudos literários é crucial; como afirmou o proeminente historiador do Oceano Índico Michael N. Pearson em 2011: “Os estudos literários, realmente combinados com as tendências dos estudos culturais, apenas começaram a aparecer. No entanto, esta área sem dúvida florescerá em breve, possivelmente inspirada por várias coleções importantes que tratam apenas em parte do nosso oceano.” (Pearson, 2011, p. 80; tradução minha). Todavia, como Pearson observa mais adiante em seu texto, a própria diversidade do Oceano Índico constitui um desafio crítico que possivelmente só pode ser enfrentado por meio de estratégias colaborativas e métodos coletivos:

The Indian Ocean World, if indeed there is such a thing, is notoriously diverse. Over forty states today, many languages, cultures, religions, topographies and a vast body of histories, often difficult to access. No person can hope to master all this. Obviously, the need is for collaboration, especially between people with different language skills. Then, in a decade or so maybe some latter day Braudel will synthesis what I hope will be a vast body of new and provocative work. (Pearson, 2011, p. 82)

A diversidade linguística – ou melhor, a divisão linguística – que define a própria qualidade da região do Oceano Índico, e que se sobressai como uma característica – e também um obstáculo – que caracteriza os estudos literários do Índico, aponta para o que notou Antonio Gramsci: sempre que a questão da língua se coloca, de uma forma ou de outra, significa que uma série de outros problemas se impõe (2007). Por outras palavras, a divisão linguística e, particularmente, seu uso na

formação de disciplinas e aparatos críticos, ainda é uma questão conceitual e metodológica relevante – ou melhor, um problema crítico e epistemológico – cuja discussão permite refletir sobre um conjunto de cartografias, dinâmicas relacionais e conceitos críticos que moldam o campo dos estudos literários do Oceano Índico. Por sua heterogênea composição linguística, o Oceano Índico pressupõe a criação de novos espaços teóricos onde tradições e discursos formulados em diversas línguas devem ser observados através de um *contraponto* (Said, 1993) que, em primeira instância, visa desmontar hegemonias e desigualdades decorrentes de disputas que já foram imperiais e que hoje necessitam ser – novamente – (des)construídas e (re)significadas.

A semelhança paradigmática que, de acordo com a larga maioria das estudiosas do Oceano Índico, caracteriza a região obriga a tratar o Oceano Índico como uma área independente – um espaço único;⁴ este pressuposto assenta na ideia de um espaço-tempo comum ou também na presença de dinâmicas e elementos específicos e comuns a diversas comunidades e regiões do Índico, tais como o comércio de capitais, as identidades religiosas ou as práticas culturais, mas não necessariamente a sua complexa multiplicidade linguística. A esse respeito, a reflexão sobre a *comunalidade* do Oceano Índico proposta, por exemplo, por Shanty Moorthy e Ashraf Jamal no ensaio *Indian Ocean studies: cultural, social, and political perspectives* (2010) dialoga com a teorização desenvolvida por Sugata Bose, que refuta a noção de sistema para definir o Oceano Índico como uma “arena inter-regional”.⁵

4 Veja-se, a este propósito, a reflexão desenvolvida por Markus Vink sobre a historiografia do Oceano Índico em Markus P. M. Vink (2007). *Indian Ocean Studies and the 'new thalassology'*. *Journal of Global History*, 2, pp 41-62 doi:10.1017/S1

5 Cf. “The Indian Ocean is better characterized as an 'interregional arena' rather than as a 'system' a term that has more rigid connotations. An interregional arena lies somewhere between the generalities of a “world system” and the specificities of particular regions” (Bose, 2006, p. 6)

We propose that the Indian Ocean region possesses an internal commonality which enables us to view it as an area in itself: commonalities of history, geography, merchant capital and trade, ethnicity, culture, and religion. This we contrast to Sugata Bose's notion of an "interregional arena." While usefully raising the possibility of viewing the Indian Ocean region as a human theatre which occupies interstices and straddles several regions, "interregionalism" runs the risk of diminishing the Indian Ocean region as a unique space, locking it into being a region between more significant regions, overshadowed by the concerns of nations with fixed borders and orchestrated histories, and continents that dominate by virtue of sheer mass. We prefer to treat the Indian Ocean region as one, among many, liminal spaces of hybrid evolution, an area whose boundaries are both moveable and porous, which brings us close to Devleena Ghosh and Stephen Muecke's notion of *transnational imaginative geography*. (Moorthy & Jamal, 2010, p. 4, grifos dos autores)

O ponto levantado por esses autores, particularmente no que diz respeito à comunalidade interna detectada em aspetos históricos, geográficos, comerciais, étnicos, culturais e religiosos, vai ao encontro da teorização desenvolvida pela grande maioria dos historiadores do Oceano Índico; sobre isso, Sugata Bose observa:

The problem of unity and commonalities has been addressed in a variety of ways by different historians of the Indian Ocean. Among them, K. N. Chaudhuri has made the most deliberate attempt to have his history from the rise of Islam to 1750 be informed by a "rigorous theory of the concept of unity and disunity, continuity and discontinuity, ruptures and thresholds." The unity of economic and social life in the Indian Ocean realm takes on "analytical cohesion," according to Chaudhuri, "not from the observable unity of a spatial construct but from the dynamics of structural relations. (...)" Other historians less ambitious about contributing to

a grand theory have offered alternative typologies of unity amid diversity in the Indian Ocean region. One alternative advances an argument about three layers of unity: racial, influenced by patterns of migration; cultural, emanating out of India; and religious, shaped primarily by the spread of Islam. M. N. Pearson sees “considerable unity in matters of monsoons, ports, ships and sailors.” Another unifying factor can be noticed in “the widespread distribution of certain products from particular areas.” (...) Among several other elements of commonality, if not unity, one of the more important was supplied by religious activities, especially the Muslim hajj, which was crucial to the working of a large and complex cultural and trade network in the premodern and early modern periods. (Bose, 2006, p. 11-12, grifos da autora)

Aliás, como nota Markus P. M. Vink: “Foi a fertilização cruzada entre as ideias da escola francesa dos “Annales” e principalmente a análise norte-americana do sistema-mundo que produziu uma nova geração de estudos” sobre o Oceano Índico”. (Vink, 2007, p. 43):

Inspired by the geo-historical conceptualizations of Fernand Braudel and the Annalistas on the Mediterranean and the modern world-system approach of Immanuel Wallerstein and the ‘New’ World History, numerous studies have looked at the Indian Ocean Basin and its various components in a worldwide search for ‘parallel Mediterraneans’ and ‘sub-Mediterraneans’ as meaningful units of analysis. (Vink, 2007, p. 43).

No entanto, diferentemente da maior parte dos estudos que abordam os conceitos de unidade e comunalidade no Oceano Índico, a hipótese lançada por Moorthy e Jamal se envolve explicitamente com a análise do sistema-mundo avançada não por Immanuel Wallerstein, mas por André Gunter Frank, descartando a ideia de inter-regionalismo e, portanto, recusando a suposição

de que o Oceano Índico seria uma região entre outras regiões. Na reflexão de Bose,⁶ o conceito de “arena inter-regional” é utilizado, segundo o autor, “no seu sentido mais difuso, moderno, como esfera de ação e interação” (Bose, 2006, p. 285), sendo uma noção capaz de reconhecer a diversidade de sujeitos, atores e contextos interagindo através e dentro do Oceano Índico e que, ao mesmo tempo, não pode ser corretamente descrito pelas “conotações rígidas de um sistema” ou pela “rubrica dos estudos de área que projetam arbitrariamente certos legados do poder colonial para o domínio do conhecimento na era pós-colonial” (Bose, 2006, p. 6). No que tange à redefinição do oceano Índico em termos espaciais, a partir da reflexão desenvolvida por Braudel e a escola do *Annales* em articulação com as diversas conceitualizações do sistema-mundo, a proposta avançada por Markus P. M. Vink é de uma nova *talassologia* – *a new thalassology* – capaz de reconhecer a necessidade de historicizar e localizar os estudos do Oceano Índico, a ser entendido como um espaço marcado pela porosidade, permeabilidade, conectividade e abertura de suas fronteiras e limites espaço-temporais (Vink, 2007) e, portanto, como um espaço *desterritorializado*.

Regarding space, mental remapping requires moving away from relative immobile, essentializing ‘trait geographies’ – values, languages, material practices, ecological adaptations, marriage patterns, and the like – towards ‘process geographies’ with various kinds of action, interaction, and motion (travel, trade, marriage, pilgrimage, warfare, proselytization,

6 A este propósito afirmam Moorthy e Jamal “World system” or “world-systems analysis”? Though Immanuel Wallerstein and Samir Amin are lead players, after Braudel, in the field of world-systems analysis, we are inclined to the nonhyphenated version promulgated by Frank, who admits to only one world system, globally interconnected for five millennia, the whole being more than the sum of its parts.” (2020: 9). Por outro lado como afirma Immanuel Wallerstein notice: “A world-system is not a system of the world but a system that is a world and that can be, most often has been, located in a area less then the entire globe” (2004, p. 98). Para uma discussão sobre as teorias do sistema-mundo no campo da historiografia do Oceano Índico, entre uma vasta bibliografia, veja-se a discussão proposta por Markus P. M. Vink em Vink, 2007.

colonization, exile, and so on), in which regions can be conceptualized as both dynamic and interconnected. Regarding time, whereas the ‘new geographies’ are characterized by de-territorialization, the temporal boundaries of ‘the new thalassology’ have similarly moved beyond self-contained, binary Orientalist and Occidentalist chronologies towards a more integrative and interactive ‘Eurasianism’ (or even ‘Afro-Eurasianism’). (Vink, 2007, pp. 52-54)

No entanto, observando a pesquisa sobre as literaturas do Oceano Índico, a operacionalização de um campo literário que corresponde a um *espaço liminar* cujas fronteiras são, ao mesmo tempo, *móveis e porosas* (Moorthy & Jamal, 2010), ou melhor, a uma esfera de *ação e interação* (Bose, 2006, p. 285), uma nova *talassologia* (Vink, 2007) parece ainda longe de se concretizar. O estudo das literaturas do Oceano Índico, tanto numa perspectiva transnacional como num enquadramento espacial e geográfico, continua profundamente enraizado no paradigma linguístico, particularmente evidente no uso – e na proliferação – de definições como literaturas anglófonas, francófonas e lusófonas do Oceano Índico.⁷ A profunda e intensa divisão linguística entre autoras e escritas literárias do Índico, e particularmente no âmbito das pesquisas desenvolvidas no campo dos estudos literários, relembra a ideia de Gramsci de que, sempre que aflora, a questão da língua significa que uma série de outros problemas se impõem; neste caso, os problemas que se impõem parecem estar relacionados com a desigualdade linguística que caracteriza as línguas das formas literárias do Oceano Índico.

Em primeiro lugar, sobressai o problema da distribuição desigual de *capitais literários* (Casanova, 2004), inevitavelmente

⁷ Sobre isso veja-se a recente publicação de Charne Lavery, *Writing Ocean Worlds. Indian Ocean Fiction in English*. Palgrave Macmillan, 2021.

ligada à língua utilizada para escrever um romance ou um poema; em segundo lugar, a circulação desigual de livros e publicações literárias e acadêmicas na região. Portanto, observando como o campo dos estudos literários navega pelo Oceano Índico, somos inevitavelmente imersas em uma *paisagem crítico-marítima* paradigmaticamente desigual, onde centro(s) e periferias se destacam como coordenadas políticas e conceituais do mundo literário do Oceano Índico, questionando a própria ideia de sua unidade, bem como sua especificidade e singularidade.

Em relação à *distribuição desigual de capitais literários*, é fundamental definir de forma mais precisa o quadro conceptual desta categoria, que se baseia claramente na reflexão desenvolvida por Pascale Casanova (2004) e, também, sobre a teorização proposta pelo Coletivo de Pesquisa de Warwick no livro *Combined and Uneven Development. Towards a New Theory of World-Literature* (2015)⁸ e, posteriormente, no artigo “Collectivity and Crisis in the Long Twentieth Century” (WRcC, 2020).

Segundo Pascale Casanova, o capital literário está inevitavelmente relacionado com as línguas e, portanto, com o que ela define como valor literário e literariedade:

Language is another major component of literary capital. The political sociology of language studies the usage and relative “value” of languages only in political and economic terms, ignoring that which, in the world of letters, defines their linguistic and literary capital - what I propose to call *literariness*. Certain languages, by virtue of the prestige of the texts written in them, are reputed to be more literary than others, to embody literature. Indeed, literature is so closely linked to language that there is a tendency to identify

8 O livro foi editado no Brasil, com o título: *Desenvolvimento Combinado e Desigual. Por uma nova teoria da literatura-mundial*. Tradução Gabriela Beduschi Zanfelice. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

the “language of literature”- the “language of Racine” or the “language of Shakespeare”- with literature itself. For a language to acquire a high degree of literariness it has to have a long tradition, one that in each generation refines, modifies, and enlarges the gamut of formal and aesthetic possibilities of the language, establishing, guaranteeing, and calling attention to the literary character of what is written in it. This tradition functions, in effect, as a certificate of literary value. (Casanova, 2004, p. 18, grifos da autora)

Observando a multiplicidade de línguas em que as formas literárias do Oceano Índico são escritas e publicadas, a distribuição desigual da literariedade se apresenta como um aspecto evidente e emblemático; as literaturas escritas em língua inglesa, da Somália à África do Sul, passando pelas ilhas do Oceano Índico até à Índia, parecem possuir um valor literário – supostamente – incomparável com romances e poemas escritos em suaíli, em malgaxe ou nas línguas crioulas das Ilhas Maurícias ou da Reunião. Como nota Casanova, não se trata apenas de um aspecto relacionado com poder político ou com a dimensão colonial, mas também de uma suposta riqueza decorrente da tradição literária e e da herança que uma determinada língua possui no seio do espaço literário mundial:

Depending on the history of a language and the country in which it is spoken, as well as on the literature written in it and the position it occupies in world literary space, the literary heritage of a language is linked also to a set of techniques devised over the course of centuries- poetical and narrative forms and constraints, the results of formal investigations, theoretical debates, and stylistic innovations, that enrich its range of possibilities. As a consequence, literary and linguistic wealth operates through both ideas and things, through beliefs and through texts. (Casanova, 2004, p. 18)

A afirmação de Casanova ilustra com clareza a marginalidade, por exemplo, da língua portuguesa no campo literário do Oceano Índico; uma língua literária que, apesar de seu legado colonial, não possui uma riqueza literária suficiente para ocupar uma posição hegemônica no mundo literário do Oceano Índico. Situação semelhante – mas não exatamente igual – pode ser observada em relação às línguas suaíli ou hindí que, apesar do prestígio dos textos nelas escritos, parecem possuir uma literariedade insuficiente – ou melhor, *um capital literário menor* – para ocupar uma posição hegemônica no campo literário do Oceano Índico.⁹

Ao mesmo tempo, é importante reconhecer que a distribuição desigual do capital literário não é um problema específico dos estudos literários do Oceano Índico, portanto, nesse aspecto, o Mundo do Oceano Índico não é nem único nem singular em contraste com o mundo literário no sentido mais amplo. No entanto, o que parece ser específico e, de certa forma, único são os problemas – ou melhor, os becos sem saída – determinados pela literariedade no campo dos estudos do Índico. Sem um envolvimento aberto com as armadilhas da distribuição desigual do capital literário, os estudos literários do Oceano Índico não serão capazes de reconhecer adequadamente – e corresponder criticamente a – sua multiplicidade e diversidade e, portanto, de promover uma abordagem transnacional abrangente e efetiva da literatura do Oceano Índico. Para além disso, a existência de um campo de estudo de literaturas do Oceano Índico está irremediavelmente subordinada à sua dimensão multilíngue. Aliás, a principal urgência é a de promover políticas de tradução

⁹ Observando as produções acadêmicas na área dos estudos literários sobre o Oceano Índico sobressai uma evidente preponderância de estudos dedicados às literaturas em língua inglesa e francesa que se situam nesta região. Veja-se a este respeito o importante volume publicado em 2010, *Eyes Across the Water* (Gupta et al 2010)

mais eficazes e abraçar a coletividade como uma estratégia para superar a divisão linguística que ainda caracteriza as literaturas do Oceano Índico como campo de estudo. Para tanto, gostaria de me valer de duas noções elaboradas pelo Coletivo de Pesquisa de Warwick WReC (Warwick Research Collective), nomeadamente sobre a tradução e coletividade, delineando essas categorias – e as políticas a estas relacionadas – como possíveis respostas e estratégias para corresponder e superar o monolinguismo que caracteriza os estudos de literatura em sentido lato e, portanto também, o campo dos estudos literários do Oceano Índico. Sobre os complexos problemas da tradução no debate sobre a literatura mundial, a proposição do Coletivo destaca-se como uma posição perspicaz:

An enabling counter to the doxic position on the impossibility and undesirability of translation is provided in Andrés Neuman's novel *Traveller of the Century*, which features an extended discussion of translation in the contexts of core/periphery social relations. (...) What Hans introduces here is the idea of a continuum – something approaching an identity, in fact – between the acts of reading and translating. If to read is already to 'translate', then the seeds are already sown for the view that, even if translation is by definition a 'political' act, something may be gained by it, not merely something lost. We are further enjoined by this insight to grasp reading and translating as themselves social rather than solitary processes, and thereby to attend to the full range of social practices implicated: writing as commodity labour, the making of books, publishing and marketing, the social 'fate' of a publication (reviews, criticism, the search for, creation and cultivation of a readership, etc.). (WReC, 2015, p. 27-28, grifos dos autores)

Abordando a tradução como um continuum entre o ato de escrever e o de ler e, portanto, como uma prática social, o

Coletivo contrasta a ideia de inaceitabilidade de ler e teorizar sobre textos traduzidos – uma posição arraigada entre as posturas mais conservadoras e elitistas no campo da literatura comparada – abordando a tradução dentro do destino social de uma publicação. A definição proposta pelo WReC é extremamente valiosa para compreender uma série de aspectos críticos relativos ao campo dos estudos literários do Oceano Índico; entre muitos, é importante realçar a presença do único escritor “*lusófono*” habitualmente abordado na literatura crítica anglófona – e mais recentemente francófona – sobre as literaturas do Oceano Índico, como Mia Couto.¹⁰ Em geral, a presença e a circulação das obras literárias de Mia Couto nos estudos literários do Oceano Índico está relacionada com a tradução de suas obras para a língua inglesa e francesa e, portanto, com a dimensão mercadológica e da vida social de uma obra literária. É esse o principal factor que determina a inserção da obra de Mia Couto nos estudos literários do Oceano Índico, e não tanto os temas ou as problematizações que a obra literária de Couto registra e representa, especialmente no que diz respeito aos aspectos relacionados com o Oceano Índico. A própria ideia de mar, ou melhor, a (re)definição do território moçambicano, passado e presente, relacionados – e definidos – pelo amplo contexto do Oceano Índico está presente nos romances, contos e crônicas de Mia Couto, embora de forma menos significativa em sua obra mais recente e, certamente, de modo menos sistemático se comparada com a obra de outras romancistas e poetas de Moçambique, cujos livros, por outro lado, têm um destino social muito diferente. Refiro-me especificamente a uma geração de poetas como Virgílio de Lemos, Rui Knopfly, Luís Carlos Patraquim e, mais recentemente, a autoras e autores

¹⁰ A este propósito ver Hofmeyr 2007 e Samuelson 2017.

como Eduardo White, Júlio Carrilho, Ana Mafalda Leite, Sangare Okapi, Sérgio Raimundo, Sónia Sultuane, entre outras, representando um significativo *corpus* literário que oferece uma visão original da relação entre Moçambique e o Oceano Índico – seus significados e agências –, apresentando o espaço oceânico e marítimo como uma dos temas mais recorrentes nos discursos artísticos e culturais contemporâneos em Moçambique.¹¹

No que diz respeito ao romance moçambicano contemporâneo, a obra de João Paulo Borges Coelho propõe uma abordagem muito peculiar do espaço-tempo do Oceano Índico, através de um projeto literário que utiliza a perspectiva marítima como ponto de observação estratégico para registrar – e refletir sobre – a posição moçambicana na região, sua cartografia oceânica e imaginários marítimos, tanto no passado quanto no presente. A escrita de Borges Coelho oferece uma (re)definição peculiar da relação entre o espaço e o tempo, redefinindo assim o chamado contexto cultural nacional através de um reposicionamento emblemático de factos e sujeitos, num quadro espaço-temporal transnacional onde o mar/oceano desempenha um papel central.¹² Pode dizer-se que a obra literária de Borges Coelho opera uma evidente e emblemática *virada oceânica*¹³ na estética moçambicana, já iniciada por poetas e autoras que formam o cânone da literatura em Moçambique

11 Estudos sobre a relação entre a Literatura Moçambicana e o Oceano Índico foram desenvolvidos no âmbito do projeto de pesquisa NULUS Narrativas do Oceano Índico no espaço Lusófono, financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia (PTDC/CPCELT/4868/2014) e coordenado por Ana Mafalda Leite, Jessica Falconi e Elena Brugioni no CESA-ISEG da Universidade de Lisboa. Informações e resultados do Projeto podem ser consultados aqui: <https://cesa.rc.iseg.ulisboa.pt/nilus/> Acesso em 29/05/2024

12 Análises da obra literária de João Paulo Borges Coelho se encontram desenvolvidas nos seguintes ensaios, recentemente publicados: Brugioni, Elena, Orlando Grossegeesse, Paulo de Medeiros (eds.) *A Companion to João Paulo Borges Coelho. Rewriting the (Post)Colonial Remains*. Oxford: Peter Lang, 2020; Brugioni, Elena, Fernanda Gallo, Gabriela Beduschi Zanfelice. *A obra literária de João Paulo Borges Coelho. Panorama Crítico*. Campinas Editora Unicamp, 2022.

13 Refiro-me aqui ao que Philip Steinberg e Kimberley Peters definem como *pensamento oceânico*; ver Steinberg, Philip, Kimberley Peters. “Wet Ontologies, Fluid Spaces: Giving Depth to Volume through Oceanic Thinking” *Environment and Planning D: Society and Space* 33:2 (2015), pp. 247-264.

e hoje é levada adiante por diversas autoras e autores da nova geração literária do país. É em seu envolvimento com uma complexa *ontologia marítima*, parafraseando a categoria de “*wet ontology*” proposta por Steinberg e Peters (2015), que a obra literária de Borges Coelho aponta para uma estética literária que redefine as fronteiras da nação, propondo relações e dinâmicas que devem ser observadas através de uma perspectiva crítica que vai para além de um contexto geopolítico nacional. Aliás, a novidade que a obra de Borges Coelho traz para os discursos sobre a nação é exatamente através de uma intrínseca articulação entre *história e território nacional* e *ontologia marítima*, reorientando os dispositivos críticos e conceituais – as estéticas e as políticas interpretativas – através das quais se faz hoje necessário repensar a relação entre o estado-nação e o mundo. No entanto, o destino social dos livros de Borges Coelho – e também de autores e autoras acima mencionadas – é muito diferente do destino dos livros publicados por Mia Couto; cabe às estudiosas da área promover políticas e estratégias capazes de identificar e possivelmente superar esses fenômenos e, sobre isso, gostaria de apresentar meu segundo ponto relacionado com a necessidade urgente de formas de coletividade no campo dos estudos literários em geral, e especialmente para os estudos das literaturas do Oceano Índico. A esse respeito, o Coletivo de Pesquisa de Warwick afirma:

Our argument, in brief, is that the interlinked crises of how to read in world-literary terms, and on what scale, unavoidably index more general crises of the humanities and of academic labor when considered against the backdrop of an unstable neoliberal hegemony, particularly that of the mass automatization and shedding of labor. (...) Our contention is that the only way out of these related deadlocks of critique/postcritique, on the

one hand, and of “world literature” and scale, on the other, is to explicitly link methodologies of reading to an analysis of the laboring conditions under which that reading takes place. Thinking through this linkage leads us to conclude that collective production is not only the best means of confronting the specific impasse in literary studies — one that is able to address the problem of literary methodology in the age of world literature — but an essential step toward solving the problems of labor and political agency more generally, as these manifest themselves in the current autumn of the world-system. (WReC, 2020, p. 271, grifos dos autores)

É importante sublinhar que o Coletivo de Pesquisa de Warwick situa a coletividade em termos de produção e autoria e, portanto, na perspectiva do trabalho acadêmico. Reconhecendo as dificuldades da prática coletiva, ao mesmo tempo, as implicações dessa posição parecem ser valiosas e eficazes para superar alguns dos impasses que caracterizam os estudos literários do Oceano Índico e, particularmente, o impasse da divisão linguística da literatura do Oceano Índico. É por meio de uma política mais efetiva de *cooperação, solidariedade e colaboração* – que proporcionaria práticas de trabalho acadêmico coletivo e autoria plural – que a distribuição desigual do capital literário e, portanto, a divisão linguística dos estudos literários do Oceano Índico serão identificadas e, possivelmente, superadas, lembrando que: “O trabalho intelectual coletivo é uma forma muito peculiar de prática social, incorporando uma dimensão tanto crítica quanto utópica: crítica do estado de coisas existente, antecipando e almejando uma ordem diferente das coisas”. (WReC, 2020, p. 486). A colaboração entre “pessoas com diferentes competências linguísticas”, como notou Michael Pearson (2011, p. 82), torna-se um passo fundamental para apreender adequadamente a diversidade que caracteriza as literaturas do Oceano Índico

e, particularmente, para promover abordagens críticas que não reproduzam e adensem a distribuição desigual de captais literários, dentro e fora do mundo do Oceano Índico e do espaço acadêmico.

2 Nação(ões): literaturas sem litoral, leituras comparativas

A par da divisão linguística, que como mostrei na secção anterior deste texto constitui o ponto de partida para uma urgente e necessária (re)definição teórica do campo dos estudos literários do Oceano Índico, outro aspecto importante é representado pelo chamado paradigma nacional, cuja articulação conceptual e teórica faz uso do conceito de nação para promover uma definição específica da identidade cultural e da pertença no Mundo do Oceano Índico. Nessa perspectiva, a literatura é considerada como uma representação coincidente com o processo de construção da nação e, portanto, observada como uma prática cultural que pode ser valorizada por seu grau de ruptura entre o espaço e o tempo colonial e pós-colonial.

Reconhecendo a importância do paradigma nacional para promover uma consolidação institucional do campo dos estudos literários africanos, bem como para aproximar textos e autores que apelam à prática literária e estética de “narrar a nação” (Bhabha, 1990), o paradigma nacional também parece apontar para um conjunto de problemas críticos e metodológicos significativos, particularmente relevantes no campo dos estudos literários do Oceano Índico. Se por um lado a perspectiva nacional é essencial – tanto a nível institucional como crítico – para romper com o paradigma colonial, por outro contribui para a construção de um aparato crítico e conceptual cuja especificidade parece, por

vezes, promover uma perspectivação *exótica* (Huggan, 2001) ou talvez uma abordagem “neo-tarzanista” (Soyinka, 1975 e 1978) dos textos africanos e seus significados dentro de perspectivas nacionais e transnacionais.

Além disso, do ponto de vista disciplinar, a emergência de cartografias transnacionais promove a integração de diferentes áreas de estudo e campos de conhecimento cuja interseção fornece quadros conceituais e teóricos que parecem responder com mais precisão aos desafios que hoje se colocam à prática e à crítica humanística. No que diz respeito à literatura, as tentativas de construir uma comunidade entre escritoras que se situam no Oceano Índico são insuficientes para reconhecer toda a gama de combinações de línguas, linguagens, imaginários e estéticas que caracterizam a base do conceito de literaturas do Oceano Índico. Neste sentido, os estudos literários do Oceano Índico parecem estar presos em um duplo vínculo: a oposição entre uma abordagem crítica transnacional e uma perspectiva literária “sem saída para o mar” (Bose, 2006, p. 152); ou seja, a velha questão do particularismo nacional e do humanismo transnacional que, há muito, pauta o debate no campo da literatura comparada – e da *world literature*, em suas diversas categorias de literatura mundo, literatura mundial e literatura-mundial¹⁴ – e que parece conduzir a vários becos sem saída. Para desmantelar a dicotomia entre cartografias literárias nacionais/nacionalistas e abordagens literárias transnacionais – à semelhança do que acontece no campo da literatura comparada – é necessário redefinir uma série de categorias e metodologias em uso nos estudos literários do Oceano Índico. Como afirma Franco Moretti (2013): “A maneira

¹⁴ Para uma reflexão em torna destas diversas categorias veja-se Elena Brugioni “O romance africano e o problema da world literature. Notas para um roteiro conceitual” *Alea*, v. 26 n. 1, pp. 1-19, 2024; DOI: <https://doi.org/10.1590/1517-106X/2024e62106> Acesso em 28/05/2024

como imaginamos a literatura comparada é um espelho de como vemos o mundo”; seria a hipótese aplicável ao Oceano Índico? Em outras palavras, a maneira como imaginamos os estudos literários do Oceano Índico é um espelho de como vemos o mundo do Oceano Índico? Não diferentemente de outros contextos/regiões/áreas do Mundo, as literaturas do Índico podem ser analisadas tanto como literaturas nacionais como através de uma perspectiva transnacional – comparativa? Como diria Moretti: “literatura nacional, para quem vê árvores; literatura mundial, para quem vê ondas (2013, p. 61)”:

The products of cultural history are always composite ones: but which is the dominant mechanism in their composition? The internal, or the external one? The nation or the world? The tree or the wave? There is no way to settle this controversy once and for all-fortunately: because comparatists need controversy. They have always been too shy in the presence of national literatures, too diplomatic: as if one had English, American, German literature – and then, next door, a sort of little parallel universe where comparatists studied a second set of literatures, trying not to disturb the first set. No; the universe is the same, the literatures are the same, we just look at them from a different viewpoint; and you become a comparatist for a very simple reason: *because you are convinced that that viewpoint is better*. It has greater explanatory power; it’s conceptually more elegant; it avoids that ugly ‘one-sidedness and narrow-mindedness’; whatever. The point is that there is no other justification for the study of world literature (and for the existence of departments of comparative literature) but this: to be a thorn in the side, a permanent intellectual challenge to national literatures – especially the local literature. If comparative literature is not this, it’s nothing. Nothing. (Moretti, 2013, p. 61-62, grifos do autor)

A maioria dos pontos levantados por Moretti sobre o campo da literatura comparada e o *problema da literatura mundial* iluminam argumentos valiosos também dentro dos estudos literários do Oceano Índico, particularmente no que diz respeito à relação entre abordagens nacionais – e nacionalistas – e perspectivas transnacionais. Se concordarmos com Moretti, os estudos literários do Oceano Índico podem ser vistos como um ramo ou uma onda do campo da literatura comparada e possivelmente alguns dos problemas dentro dos estudos literários comparados parecem ser semelhantes – ou até idênticos – aos enfrentados nos estudos literários do Oceano Índico. A própria ideia do Oceano Índico como um “novo paradigma do transnacionalismo para o Sul Global” (Hofmeyr, 2007), como foi magistralmente demonstrado por Isabel Hofmeyr, correspondeu à virada transnacional nas humanidades com o objetivo de se envolver com o Oceano Índico como um sistema transnacional, a fim de demonstrar como o transnacionalismo beneficiaria o estudo das literaturas da região do Índico Africano (Alpers, 2009). É claro como a reflexão sublinha a necessidade de repensar as perspectivas literárias “sem litoral” (Bose, 2006, p. 152) ou melhor, o desejo de olhar para a literatura de um ponto de vista diferente, esforçando-se para ver ondas onde outras veem árvores e promovendo teorizações que visam definir de modo mais preciso a especificidade do espaço-tempo do Oceano Índico, dentro de um quadro crítico comparativo e comparatista, ou melhor, para além do nacional. Se assumirmos que o Oceano Índico pode ser abordado como um paradigma transnacional nos estudos literários, é indispensável tratar a região como um lugar inevitavelmente pertencente ao mundo literário como um

todo e, portanto, como um local forçosamente situado em um “*sistema literário mundial uno e desigual*” (WReC, 2015). A propósito desta questão, as definições propostas por Sugata Bose ou Shanty Moorthy e Asraf Jamal, discutidas na secção anterior deste texto, bem como outras noções que visam identificar a singularidade do Mundo do Oceano Índico, parecem ter uma frágil compreensão metodológica e conceitual quando se trata de sua aplicação crítica, particularmente na promoção de uma definição abrangente da literatura do Oceano Índico como um campo dos estudos literários. O Oceano Índico não oferecerá novos caminhos nos estudos literários se for tratado como um paradigma nacional, mas maior; nem terá relevância se funcionar como um Mundo, mas menor. Por outras palavras, as ideias de uma *arena inter-regional* específica ou de uma *versão não hifenizada de um sistema mundo* têm falhado em endossar e consolidar a literatura do Oceano Índico como um campo onde uma vasta gama de línguas, linguagens, estéticas e imaginários podem ser reconhecidos como igualmente importantes; não se trata de uma *Literatura maior*, como diria Moretti a respeito da literatura mundial; trata-se de uma nova perspectiva, e no que diz respeito ao campo literário do Oceano Índico, a análise do sistema mundial proposta por Franco Moretti, e aprofundada pelo Coletivo de Pesquisa de Warwick, entre outros, parece oferecer um método mais eficaz para (re) definir as literaturas do Oceano Índico como registros literários do sistema-mundial, a ser entendido não como um sistema do mundo “mas um sistema que é um mundo e que pode ser, na maioria das vezes tem sido, localizado em uma área menor que o globo inteiro ” (Wallerstein, 2004, p. 81). Portanto, como afirma o Coletivo de Pesquisa de Warwick:

The idea of ‘system’ is then one of the primary building blocks of our theory. The term is not treated in Raymond Williams’s *Keywords*, where the associated term, ‘structure’, is explored instead – primarily a noun of process in the fifteenth century, Williams explains, but already by the eighteenth century marked by its emphasis on ‘a particular and complex organization of relations, often at very deep levels’ (1976: 253–59). But we construe ‘system’ similarly, as being characterized by vertical and horizontal integration, connection and interconnection, structurality and organization, internal differentiation, a hierarchy of constitutive elements governed by specific ‘logics’ of determination and relationality. ‘*World-system*’ represents a further elaboration on this. Following Braudel (1985), Wallerstein (1974, 1980, 1989), and others, we use the term to indicate a bounded social universe – whose functioning is more or less (that is to say, relatively) autonomous, more or less integrated. In general, ‘world-systems’, in these terms, are not coexistent with the ‘world’ as such, and are hence not ‘global’ or ‘globally dispersed’ systems. The significant exception is the modern capitalist ‘world-system’, one of the indices of whose historical unprecedentedness consists precisely in the fact that it is a *world-system* that is also, uniquely and for the first time, a *world system*. (WReC, 2015, p. 8, grifos dos autores)

Observando a definição de sistema, tal como proposta acima através da teorização desenvolvida pelo Coletivo de Pesquisa de Warwick, em contraste com os estudos literários do Oceano Índico como um campo – numa perspectiva boudesiana – surgem um conjunto de correspondências e convergências que me parecem valiosas para ultrapassar alguns dos becos sem saída que os estudos literários do oceano Índico parece enfrentar. Um sistema caracterizado por integração vertical e horizontal, diferenciação interna, hierarquia de elementos constitutivos e regido por lógicas específicas de determinação e relacionalidade

parece ser particularmente adequado para definir as literaturas do Oceano Índico como um campo de estudo, especialmente no que diz respeito à questão de sua divisão linguística. Não se trataria portanto de um mundo, mas de um sistema, ou melhor, uma localização (semi-)periférica dentro de um sistema literário mundial único e desigual.

3 Sistema literário mundial e Oceano Índico

A existência de um mundo do Oceano Índico, construído através de romances, estéticas e imaginações corresponde a um paradigma crítico estabelecido dentro dos estudos literários do Oceano Índico. Neste sentido, tal como nota Charne Lavery (2021):

Novels make worlds. Readers share an intuitive sense that novels produce a vivid, impressionistic, memorable sense of place, both the sensory details of the nearby and the limits of the faraway. As Ghosh writes, “those of us who love novels often read them because of the eloquence with which they communicate a ‘sense of place’” (Ghosh 2005, p. 119). This is captured by the phrase the “world of the novel.” It “emerges most often from the collective expression — or *impression* of the work as a whole,” a function of what is described as well as what is left out (Hayot, 2012, p. 50). The world of a novel has a complicated yet inextricable relationship with the diegetic world outside the text (Ganguly, 2016, pp. 20-21). As Pheng Cheah argues, a world cannot be directly seen or perceived, by virtue of its sheer size. Worlds are necessarily imagined, and literature is one kind of “world-making activity that enables us to imagine a world” (Cheah, 2008, p. 26). Treating the Indian Ocean as an aesthetic (Verne and Verne, 2017) as well as a geographic, political and social space means being just as interested in the “worldliness” (Said,

1983) of the texts as in their imaginative, world-making capacities. This creative capacity is neither limited to novels nor is it unidirectional. (Lavery, 2021, p. 3, grifos da autora)

No entanto, o conspícuo *mundanismo* das literaturas do Oceano Índico não é necessariamente suficiente para promover e estabelecer uma dimensão *mundana* – worldly –¹⁵ dos estudos literários do Oceano Índico como um campo. A literatura como “atividade criadora de mundo que nos permite imaginar um mundo” como afirma Pheng Cheah em sua reflexão sobre o que é um mundo (2008; 2016) é uma reflexão que, apesar dos seus apelativos esforços para definir o Mundo – na literatura mundial e nos estudos literários pós-coloniais –, não nos ajuda a esboçar uma definição material do Mundo em que a escrita literária do Oceano Índico se situa. Por outras palavras, é possível notar que as tentativas de definir a noção de Mundo na categoria de “Mundo do Oceano Índico” sinaliza os mesmos impasses que caracterizam o Mundo no debate sobre a “literatura(-)mundial”. No entanto, se no caso dos estudos literários mundiais o problema é muitas vezes a amplificação geográfica do Mundo, no caso dos estudos do Oceano Índico parece o contrário: o mesmo Mundo mas mais pequeno. Sobre isso, vale ressaltar que a unidade de um “mundo literário” não implica a unidade do Mundo; outra passagem de Lavery me ajudará a esclarecer com mais precisão meu argumento:

More palpably, the sensory traits of Indian Ocean space pervade many of these proposed Indian Ocean novels. Each is marked by descriptions of maritime maps, cosmopolitan trade networks and intersecting shipping lanes, along with references to Arab dhows, Indian

15 Vale a pena esclarecer que a categoria de mundano e mundanidade apontada por Lavery, e por mim endossada, corresponde à definição proposta por Edward W. Said (1998; 1993 e 2004)

food, Swahili music, Islam and hajj, busy harbours, the predictable and enabling monsoon, coastal fishermen, Swahili, Arabic and South Asian trading lineages, everyday acts of translation, and everyday encounters with extraordinary racial and cultural difference. These are the detailed yet defining features of the unity of the Indian Ocean world, which make up the impression of the work as a whole — the worlds of the novels. (Lavery, 2021, p. 5)

Os mundos dos romances defendidos por Lavery, em consonância com a reflexão proposta por outras estudiosas das literaturas do Oceano Índico, é um pressuposto crítico valioso, porém frágil, sobretudo no que tange às suas implicações para os Estudos do Oceano Índico como um campo de estudo. Aliás, torna-se bastante difícil entender a relação entre o Oceano Índico como um mundo literário com o resto do mundo, dentro e fora das fronteiras do estado-nação. Além disso, o mundo dos romances não tem correspondência direta com o mundo da crítica, especialmente se considerarmos a literatura do Oceano Índico como campo de estudo. A unidade do Oceano Índico, afirma Lavery, “como Samuelson argumenta em relação à escrita de Gurnah, estabelece um ‘sensorium costeiro único e particular’ (2012, p. 504), uma sensação vívida, viva e reconhecível de um mundo do Oceano Índico” (2021, p. 5); no entanto, o sentido de mundo do Oceano Índico contido paradigmaticamente na escrita literária de diferentes lugares deste espaço marítimo precisa ser abordado como uma dimensão necessariamente emaranhada com o sensorium do sistema-mundo capitalista dentro do qual o Oceano Índico está forçosamente inscrito e que, por outro lado, algumas das ideias que sustentam o pressuposto de singularidade do Mundo do Oceano Índico – Indian Ocean World – , falham, às vezes, em abordar.

Já caminhando para a conclusão, e com o intuito de tornar mais explícito o meu argumento, gostaria de me debruçar brevemente sobre dois contos contidos nas duas coletâneas publicadas por João Paulo Borges Coelho, *Índicos Índicios I - Setentrião* (2005) e *Índicos Índicios II Meridiano* (2005a): “O pano encantado” (2005, p. 11-44) e “A força do mar de Agosto” (2005^a, p. 123-140). Trata-se, a meu ver, de dois *registos* paradigmáticos dos inevitáveis emaranhados entre Oceano Índico e o Mundo, cuja leitura evidencia a necessidade de uma combinação crítica entre os estudos do Oceano Índico com os debates atuais dos estudos literários mundiais dentro das Humanidades.

No que diz respeito a “O pano encantado”, o conto situa-se na Ilha de Moçambique após o ano 2000. Localizada na zona norte do país e ligada ao continente por uma estreita ponte, Ilha de Moçambique é um local excepcionalmente simbólico e paradigmático tanto para a “*grande narrativa*” do Império Português quanto para o período colonial e o pós-independência em Moçambique. “O pano encantado” narra a história de Jamal, um jovem alfaiate que trabalha na loja do Sr. Rashid mas, na verdade, mergulha o leitor em uma história muito mais complexa, uma *história maior* que coloca Moçambique na perspectiva de um ponto de partida excepcionalmente estratégico para a sua narração; uma história onde o Oceano Índico não é um lugar fora do mundo. A complexidade do texto é imediatamente perceptível na definição de uma localização geográfica simultaneamente emblemática e ambígua:

Para entrar na Ilha de Moçambique é necessário atravessar a ponte. Poente estreita, metálica quase infinita que nos leva da terra firme para outro lado. Como sempre, há a versão daqueles que olham a Ilha

com estranheza e a dos outros que a consideram o centro do mundo, e ao outro lado o mato. De qualquer maneira sendo ou não como cada um diz é na ponte que reside todo o mistério pois que, unindo, ela traz a lembrança a separação. Sem ponte seria um mundo a parte; com ela transformou-se a Ilha numa ilha, num espaço fechado onde só pela ponte se entra ou sai. Como em todas as ilhas também aqui os habitantes são inquietos olhando o continente com desdém, outras vezes como se o desejassem. Nunca se decidindo, todavia em alcançá-lo. (Borges Coelho, 2005, p. 13)

Para além da geografia, e sobretudo da definição peculiar do conceito de *insularidade* especialmente providenciado pela presença daquela ponte – *onde reside todo o mistério* –, o texto propõe notáveis meditações sobre o tempo e a história. Cronologicamente estamos algures depois do ano 2000, elemento emblemático sugerido pelo nome da loja onde Jamal trabalha, a Alfaiataria 2000, “um negócio com nome de futuro já ultrapassado.” (Borges Coelho, 2005, p. ???) e que, como sugere Gabriela Beduschi Zanfelice, se torna o elemento paradigmático de um desencanto em relação à ideia de um futuro promissor e, portanto, da própria noção de progresso (2022): “O senhor Rashid, por exemplo, resolveu um dia que, tendo este nome de Alfaiataria 2000 assemelhava-se seu negócio a um negócio do futuro, comprovando no concreto como seria quando chegássemos a essa data então distante mas que ele já conseguia vislumbrar” (Borges Coelho, 2005, p. 14); mas o futuro pretendido com aquele nome se torna agora um *futuro passado*, do qual não restam vestígios materiais, a não ser nas palavras pronunciadas por Rashid para atrair e acolher seus clientes:

Mas o tempo correu veloz, aproximou-se do fim do milênio, dobrou o ultimo ano com a mesma desenvoltura com que dobra os outros todos, a única diferença estando

em que foi nesse que a Alfaiataria 2000 pôde enfim ser o que pretendia, uma alfaiataria confortavelmente instalada no ano ano que lhe competia. (...)

O futuro era agora passado, e a outrora promissora Alfaiataria 2000 um negocio estagnado, se nao mesmo decaindo, uma prova da nossa ingenuidade, como se o que vem na frente pudesse ser encomendado e nao fruto do capricho de quem toma conta de nós e regula o tempo, quem quer que seja. De tal forma que atras daquela passada porta corre agora um futuro do passado, uma ingenuidade mais até do senhor Rashid que nossa, uma vez que foram dele a ideia e a iniciativa.

Ou talvez não. Porque em nenhum lugar, por mais que procuremos, se vê escrito Alfaiataria 2000. Nenhum letreiro, nenhum painel, nem sequer uma folha de papel com esse timbre mandado imprimir em esconsa tipografia de nampula. Sabemos que é esse o nome do negócio porque o senhor Rashid nos aborda no passeio, falando baixo como quem sobra um segredo. (Borges Coelho, 2005, p. 15)

Neste contexto, Jamal, o jovem alfaiate e empregado do senhor Rashid, usa, nos momentos vagos às escondidas do patrão, a velha Singer para tecer “um pano sem importância. Coisa minha. Para enganar o tempo” (2005, p. 32), tratando-se na verdade de um pano onde Jamal pretendia escrever seu *sonho*, tecendo a história do Hajj, a peregrinação sagrada dos crentes muçulmanos até a Meca, e do outro lado, o percurso histórico do dikiri de Jamal, Shandulyya Mandanyya. Duas histórias diferentes, mas – literal e metaforicamente – entrelaçadas, ambas feitas por *detalhes misteriosos, figuras bizarras e nomes e locais incomuns* cuja codificação é a chave para tornar visíveis histórias e estórias de Moçambique e do Oceano Índico, no passado e no presente. No entanto, apesar dos esforços de Jamal para esconder seu trabalho aos olhos do senhor Rachid, a obra de arte secreta – ou melhor, sagrada – será inevitavelmente descoberta por seu patrão:

Nesse primeiro pano uma pequena flor bordada, assinalando a ilha irmã de Zanzibar; um risco ligando-a a nova flor com outra cor, que era agora Muqdisho, a terra dos tubarões; e foi quando rematava este itinerário apressado – cada flor não chegando a retratar o lugar pretendido mas apenas o esboçando – que sentiu o olhar frio do senhor Rashid gelando-lhe o suor das costas.

Que fazes Jamal?

Bordo um pano sem importância, patrão. Coisa minha. Para enganar o tempo.

Não ha trabalhos particulares em minha alfaiaria, Jamal. E um pesado silêncio se abatendo. E logo a seguir os flashes da máquina fotográfica da turista italiana salpicando a penumbra do salão como raios longínquos de uma muda tempestade.

Guarda che bello!, exclamou, olhando esse primeiro pano que Jamal não consegue esconder a tempo. Tantas noites perdidas nesta luta, tanta irritação sempre que lhe faltava linha ou a solução que corporizasse um pensamento.

Quanto é?

(...)

O pano de Jamal para lá, o dinheiro para cá, tudo sem papéis, como se o dinheiro da turista italiana tivesse sido do senhor Rashid desde o início, dela o pano de Jamal. (Borges Coelho, 2005, p. 32-33)

O Mundo feito por Jamal acaba sendo vendido a uma turista; o tecido material – assim como a história que ele registra – apesar da sua singularidade e da sua localização (semi-) periférica surge como (mais um) exemplo paradigmático do “processo interminável de mercantilização de tudo” ao qual o mundo, no sistema tardo-capitalista, está forçosamente submetido (Wallerstein, 1966). Portanto, apesar de suas peculiaridades, o *mundo* de Jamal não é diferente do resto do *Mundo*; a história de seu *sonho iludido*, tecida naquele primeiro pano e posteriormente refeita num outro pano – prestes a ser novamente vendido – alude a pistas importantes nas dinâmicas que regem o Mundo

– e portanto também o mundo do Oceano Índico – dentro e fora do campo dos estudos literários.

O outro conto, “A força do mar de Agosto” (2005^a, p. 123-140) sugere linhas interpretativas similares, a partir de um perspectiva conceitual – geográfica e política – distinta.¹⁶ Estamos agora na região sul do país e nomeadamente na baía de Maputo.

Um dia acordou a baía sem água. Como estavam em Agosto, mês de tempo frio e do cachimbo, pensaram os moradores que era mais um desses dias em que, por falta de brisa, ainda qua uma só aura fosse, fica o mar quieto como mármore; um desses dias em que as arvores deixam pender as folhas como se fossem morcegos de pálpebras cerradas, não as abrindo para evitar a vertigem de ver o mundo ao contrário (Borges Coelho, 2005a, p. 125)

O mar da baía teria sumido, e o espaço marítimo que histórica e geograficamente definiu – e define – o território de Moçambique e sua capital, teria se transformado num vasto *deserto* de areia. O desaparecimento do mar, num primeiro momento, se torna o factor decisivo para subverter as lógicas de subsistência e o comércio na região, pautadas pela divisão entre *pescadores* e *vendedeiras*; frente a um *mar que não molha* e onde o espaço marítimo se transforma numa vasta *orla de praia*, pescadores e vendedeiras passam a disputar o acesso à mesma mercadoria, os peixes que agora para serem capturados e vendidos não exigem mais da força de trabalho masculina e se tornam um produto de livre acesso para as mulheres, numa aparente – e ilusória – subversão da divisão sexual do trabalho

¹⁶ Para uma leitura do conta veja-se Rui Gonçalves Miranda “History, Literatures and the Indices of the Ocean: Forces of signification in Borges Coelho’s ‘A força do mar de Agosto’” In: Brugioni, Elena, Orlando Grossegeesse, Paulo de Medeiros (eds.) *A Companion to João Paulo Borges Coelho. Rewriting the (Post)Colonial Remains*. Oxford: Peter Lang, 2020, pp. 107-130.

naquele localização. A abundância da mercadoria – os peixes – provoca, em acordo com as dinâmicas mercadológicas do capitalismo – um excesso de oferta e portanto uma queda na demanda; o excesso, agravado pela perecibilidade do *produto*, se torna rapidamente num problema de saúde pública: “o cheiro subia com o dia, nauseabunda exalação que até os pássaros agoniava. (...) nunca porém as narinas comunitárias haviam experimentado tal pesadelo.” (Borges Coelho, 2005a, p. 129)

Pescadores e vendedeiras procuraram disfarçar – nisso ainda se entendendo. Em parte por esse agulhão interesseiro de esconder o excesso de oferta para manter elevada a procura, em parte por aquela vergonha indefinida que é vermos desconjuntar-se aquilo que está a nossa guarda, mesmo que culpas nos não passam ser assacadas. Sem ter culpas no cartório, apenas por desse cenário fazerem parte, pescadores e vendedeiras envergonhavam-se do que acontecera à baía. (Borges Coelho, 2005a, p. 129)

A impossível resolução do problema por parte das *Autoridades – as Brigadas da Polícia Municipal* – e de potências estrangeiras, claramente interessadas na região – antes os Sul-Africanos e logo os Norte-Americanos –, leva o Governo a *reassumir um protagonismo temporariamente interrompido* desenhando um novo e grande *Plano Diretor*. O novo mapa deste planejamento, traçado numa folha branca onde o Oceano Índico se torna um espaço vazio a ser preenchido por ambições neocoloniais, tal como nota Miranda (2020, p. 117), consegue finalmente transformar o mar, em acordo com o predicado neoliberal, numa oportunidade de expansão do capital (Miranda, 2020, p. 117). Muda por completo a configuração geográfica, política e humana da baía de Maputo e de Moçambique: povos ribeirinhos se tornando interioranos, novas fronteiras a serem

observadas e policiadas, redesenhando integralmente a relação entre as ilhas e o continente, entre Moçambique e o mundo. Mas quando as disputas entre *os planeadores* e *o povo* alcançam seu ápice, num dia de Agosto, volta o cachimbo e com ele a água, “o vasto, conhecido e luminoso mar da baía de Maputo; molhando por sua natureza mas fazendo secar a boca de quem tinha outras ideias, mais lucrativas que a serenidade daquela sempre nova e já tão antiga visão cujo valor ninguém consegue medir.” (Borges Coelho, 2005a, p. 138). Num desfecho só parcialmente utópico, de *esperança sem otimismo* (Eagleton, 2023) é o retorno do Oceano Índico, um mar cujo valor não se pode medir – inestimável e, ao mesmo tempo, *novo* e *antigo* – e onde parece residir a única possibilidade de (re)constituir o(utro) mundo, dentro e fora de Moçambique. Haverá apelo mais explícito sobre a fundamental urgência de se pensar Moçambique e o mundo a partir do mar?

Referências

ALPERS, Edward. *The Indian Ocean in World History*, Oxford University Press, 2013

BHABHA, Homi K. *Nation and Narration*. New York: Routledge, 1990.

BOSE, Sugata. *A Hundred Horizons: The Indian Ocean in an Age of Global Empire*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2006.

BRAUDEL, Fernand. *La Méditerranée, vol. 1: L'espace et l'histoire, vol. 2: Les hommes et l'héritage*. Paris: Flammarion, 1985.

BORGES COELHO, João Paulo. *Índicos Indícios I. Setentrião*. Lisboa: Caminho, 2005.

BORGES COELHO, João Paulo. *Índicos Indícios II. Meridião*. Lisboa: Caminho, 2005a.

BRUGIONI, Elena, Fernanda Gallo, Gabriela Beduschi Zanfelice. *A obra literária de João Paulo Borges Coelho. Panorama Crítico*. Campinas Editora Unicamp, 2022.

BRUGIONI, Elena, Orlando Grossegeesse, Paulo de Medeiros (eds.) *A Companion to João Paulo Borges Coelho. Rewriting the (Post)Colonial Remains*. Oxford: Peter Lang, 2020.

CASANOVA, Pascale. *The World Republic of Letters*. Trad. M.B. DeBevoise. Cambridge MA: Harvard University Press, 2004 [1999].

CHAUNDHURY, K. N. *Asia before Europe: Economy and Civilization of the Indian Ocean from the rise of Islam to 1750*. Cambridge Eng. Cambridge UP, 1990.

CHEAH, Peng. What Is a World?: On Postcolonial Literature as World Literature, 2008. What is a world? On world literature as world-making activity. *Daedalus* 137: 26–38, 2016.

DASGUPTA, U. ed. *The world of the Indian Ocean merchant 1500–1800: collected essays of Ashin Das Gupta*, New Delhi and New York: Oxford University Press, 2001.

EAGLETON, Terry. *Esperança sem Otimismo*. Tradução de Fernando Santos. São Paulo, Editora Unesp, 2023.

FAWAZ, Leila Tarazi et al. (Eds.) *Modernity and Culture: From the Mediterranean to the Indian Ocean*. New York: Columbia University Press, 2002.

FALCONI, Jessica. “Enchanted Things to Narrate the Oceans: João Paulo Borges Coelho and Luís Cardoso” in *Portuguese Studies* 37(2), *Literatures and Cultures of the Indian Ocean* (2021), pp. 224-241.

FRANK, Andre Gunder, *ReOrient: Global Economy in the Asian Age*. Los Angeles, CA: University of California Press, 1998.

FRANK, Andre Gunder & Gills, Barry K.. “The Five Thousand

Year World System” in Theory and Praxis”, in Robert Denemark et al. *World System History: Social Science of Long Term Change*, London/New York: Routledge, 2000, pp. 3-23.

GRAMSCI, Antonio. *Quaderni del Carcere*. Edizione critica a cura dell’Istituto Gramsci. Torino: Einaudi, 2007.

GHOSH, Devleena & MUECKE, Stephen (eds.) *Cultures of Trade: Indian Ocean Exchanges*. Newcastle, UK: Cambridge Scholars Publishing, 2007.

GUPTA, Pamila et al. (Eds.) *Eyes Across the Water: Navigating the Indian Ocean*. Unisa Press & Penguin India, 2010.

HALL, Richard. *Empires of the monsoon: a history of the Indian Ocean and its invaders*, London: Harper Collins, 1996.

HOFMEYR, Isabel. ”The Black Atlantic Meets the Indian Ocean: Forging New Paradigms of Transnationalism for the Global South – Literary and Cultural Perspectives”, *Social Dynamics*, (33)2, 2007, pp. 3-32.

HUGGAN, Graham. *The Postcolonial Exotic. Marketing the Margins*. London and New York: Rutledge, 2001..

KEARNEY, Milo. *The Indian Ocean in World History*. London: Routledge, 2004.

LARSON, Pier M. *Ocean of Letters: Language and Creolization in an Indian Ocean Diaspora*. Cambridge, 2009.

LAVERY, Charne. *Writing Ocean Worlds. Indian Ocean Fiction in English*. Palgrave Macmillan, 2021.

LEITE, Ana Mafalda. “Narratives of the Indian Ocean in the Writing of João Paulo Borges Coelho: A Transnational Geography” in Brugioni, Elena, Orlando Grossegeesse, Paulo de Medeiros (eds.) *A Companion to João Paulo Borges Coelho. Rewriting the (Post)Colonial Remains*. Oxford: Peter Lang, 2020, pp. 91-106.

MCPHEARSON, Kenneth. *The Indian Ocean: A History of*

People and the Sea. Delhi: Oxford University Press, 1993.

MIRANDA, Rui Gonçalves. “History, Literatures and the Indices of the Ocean: Forces of signification in Borges Coelho’s ‘A força do mar de Agosto’» in Brugioni, Elena, Orlando GROSSEGESSE, Paulo de Medeiros (eds.) *A Companion to João Paulo Borges Coelho. Rewriting the (Post) Colonial Remains*. Oxford: Peter Lang, 2020, pp. 107-130.

MOORTHY, Shanti. Ashraf Jamal (eds.) *Indian Ocean studies: cultural, social, and political perspectives*. New York: Routledge, 2010.

MORETTI, Franco. *Distant Reading*. London: Verso, 2013.

PEARSON, Michael N. “History of the Indian Ocean: a Review Essay” *WASAFIRI*, 26 (2), 2011, 78-99.

PEARSON, Michael N. *The Indian Ocean*. London: Routledge, 2003.

SAID, Edward W. *Culture and Imperialism*. London: Verso, 1993.

SAID, Edward W. *Humanism and Democratic Criticism*. London Verso, 2004.

SAMUELSON, Meg. “Costal Form: Amphibian Positions, Wider Worlds, and Planetary Horizons on the African Indian Ocean Littoral”, *Comparative Literature*, 69(1), 2017, pp. 16-24.

SOYINKA, Wole. “Neo-Tarzanism: The Poetics of Pseudo-Tradition”. *Transition* 48, 1975: 38-44.

SOYINKA, Wole. *Myth, Literature and the African World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.

STEINBERG, Philip, Kimberley Peters. “Wet Ontologies, Fluid Spaces: Giving Depth to Volume through Oceanic Thinking” *Environment and Planning D: Society and Space* 33:2, 2015, pp. 247-264.

VINK, Markus P. M. “Indian Ocean Studies and the ‘new thalassology’”. *Journal of Global History*, 2, 2007, pp 41-62 doi:10.1017/S1740022807002033

WALLERSTEIN, Immanuel. *World-System Analysis. An Introduction*. Durham and London: Duke University Press, 2004.

WREC. *Combined and Uneven Development. Towards a New Theory of World-Literature*. Liverpool: Liverpool University Press, 2015.

WREC. *Desenvolvimento Combinado e Desigual. Por uma nova teoria da literatura-mundial*. Tradução Gabriela Beduschi Zanfelicce. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

WREC . “Collectivity and Crisis in the Long Twentieth Century”. *Modern Language Quarterly* 81:4, 2020. DOI 10.1215/00267929-8637924

ZANFELICE, Gabriela Beduschi “Cartografias Transnacionais do Oceano Índico em *Índicos Índicios*” In Elena Brugioni, Fernanda Gallo, Gabriela Beduschi Zanfelicce (orgs.). *A obra literária de João Paulo Borges Coelho. Panorama Crítico*. Campinas Editora Unicamp, 2022, pp. 79-100.